

# O FIM DA URSS\*

Rita de Leo\*\*

*A vicissitude soviética foi um pedaço integrante da história europeia que se relaciona, de um lado, à Revolução Francesa e, de outro, à experiência da Comuna de Paris.*

Estou lembrando que em teu artigo de junho de 1989, antes daquele acontecimento de forte valor simbólico que foi a queda do muro de Berlim, você descreveu a URSS como a primeira experiência de comunismo (e digo comunismo, não socialismo) realizado. O artigo me impressionou muito porque naquele tempo a esquerda estava na contracorrente: o fracasso da construção do socialismo na URSS não era visto como a consequência da traição do ideal comunista, mas o contrário. Ainda mais interessante me pareceu a leitura do comunismo como uma "utopia iluminista pré-capitalista", por sua natureza contrastante com uma sociedade moderna. À distância de alguns anos, você acha que aquelas tuas reflexões foram confirmadas ou deveriam ser revistas?

Em parte sim, em parte não. Segundo minha opinião, o comunismo soviético deve ser entendido com a ajuda dos seus dois princípios constitutivos: o "utopismo maximalista" e o "estatismo operário". Com o primeiro, refiro-me a uma combinação teórica e política entre o socialismo utópico francês e o populismo russo, entre os textos de Mably e Babeuf e as experiências dos populistas russos do século XIX. Esta combinação, talvez perversa, produziu uma cultura comunista-populista que teve um papel muito importante na edificação do sistema soviético. Porém, ao lado disso, con-

traditoriamente, jogou o outro princípio, que era um verdadeiro veio alternativo, o veio operário-estatista, que se referia ao marxismo científico e se colocava o problema de assegurar, na construção do socialismo, desenvolvimento econômico e um governo operário. Em definitivo, estes dois "princípios", o populista-comunista e o marxista-operário, percorreram de forma acidentada e contraditória toda a história do movimento operário soviético, toda a história da URSS. Numa pesquisa futura, eu espero poder demonstrar - com bases políticas, personagens, histórias pessoais, acontecimentos concretos - estes dois veios, em cada uma das fases mais importantes da construção do sistema. Nesta interpretação, o período leninista pode ser lido, sobretudo, relacionando o veio utopista à fase do comunismo de guerra e o veio estatista à da NEP. O período de Stalin, por sua vez, pode ser dividido em várias fases, nas quais personagens e políticas estavam em oposição à tendência centralista estaliniana que se ligava, de um lado, ao obreirismo e, de outro, ao estatismo. Krushev era evidentemente um populista maximalista: basta lembrar a sua utopia de construção do socialismo até os anos oitenta e toda a sua política voltada para o fortalecimento do partido e do povo contra a orientação estatista que prevaleceu, ao invés, no último período de Stalin. Do mesmo modo, no que diz respeito a Brejnev, temos que ver de maneira lúcida o seu vintênio de gestão e conclusão da construção do sistema soviético na base dos dois "princípios". Olhando-se bem, pode-se considerar até com certa admiração o fato de que Brejnev conseguiu conter, na esfera ideológica dogmática, a orientação comunista-populista ao mesmo tempo que, de fato, praticou a operário-estatista na gestão da economia e do compromisso centro-periferia. Como se vê, o socialismo soviético pode ser considerado o resultado de um confronto contínuo entre o populismo comunista, que se ligava à utopia pré-moderna da história europeia, e o obreirismo estatista,

que se ligava ao positivismo científico de uma outra fase da história europeia, a do fim do século XIX. Se for verdade que a experiência soviética deve ser restringida entre estas duas orientações-momentos da história europeia, então a primeira acusação que deve ser feita aos que levaram à frente esta experiência é que não conseguiram sair da história europeia dos séculos XVIII e XIX e não participaram da do século XX. Os comunistas europeus esperavam que Outubro continuasse como uma experiência de vanguarda com relação à Europa.

*Daquilo que você diz tem-se a impressão de que a experiência soviética foi um pedaço de história e da civilização europeia. Contudo, pode-se dizer que todas as interpretações passadas a tenham considerado uma anomalia, a imagem oposta (mesmo que transparente) do desenvolvimento sócio-econômico ocidental. Aliás, foi se afirmando sempre mais a idéia de que a experiência soviética representou uma espécie de desvio subjetivo de um "curso natural" presumido dos eventos. O que você pensa disso?*

Não, absolutamente não foi uma anomalia. As vicissitude soviética foi um pedaço integrante da história europeia que se relaciona, de um lado, à Revolução Francesa e, de outro, à experiência da Comuna de Paris. Se olharmos a proposta política de *Estado e Revolução* de Lenin, ela está dentro e contra a cultura e a política europeia no sentido de querer experimentar algo de inovador com relação a Montesquieu ou à democracia representativa que estava se apresentando na época. Em suma, queria ser o reverso de uma mesma moeda.

\*Entrevista feita por Enrico Melchionda para a revista *Asterischi*. Tradução de Giovanni Menegòz.

\*\*Rita de Leo, intelectual de esquerda italiana, estudiosa da ex-URSS, sobre a qual publicou diversos livros, entre eles *Operai e sistema soviético* (Torino, 1970) e *I echi quadri e nuovi politici* (Bolonha, 1992).



*A URSS tinha que se tornar o ponto de referência para as nações em via de desenvolvimento, que acabavam de sair do domínio colonial e se encontravam perante uma escolha.*

*Com efeito, eu diria que na experiência soviética pode-se encontrar a mesma idéia de política, de poder e de instituições que se desenvolve na história européia. Aliás, a impressão é que foi a história americana que se separou desta tradição. No lugar da política baseada no conceito de interesse geral, no Estado, partidos e organizações sociais fortes, nos Estados Unidos tivemos uma política sem Estado, baseada em conflitos de interesses parciais e corporativos. Se tudo isso é verdade, me pergunto se hoje não estaria se invertendo a perspectiva, no sentido de que a Europa se torne a anomalia e a América a regra. Com efeito, com a queda da URSS e os fenômenos mudancistas em curso na própria Europa ocidental, parece que se assiste a uma americanização da política. É isso?*

Não sei responder com precisão porque não é minha área. Porém diria que a política americana não foi sempre igual a si mesma. Tivemos um período em que se baseou na representação dos interesses corporativos e regionais restritos, depois tivemos a democracia de massa, depois o início de uma política presidencial e, por fim, o New Deal, que era uma escolha bastante parecida à européia, isto é, a do Estado empreendedor que assumia o ônus das questões sociais. Posteriormente, com o fim do New Deal e de Roosevelt, foi se consolidando paulatinamente o poder presidencial, com os partidos tendo sempre menos influência. Assim, não estaria de acordo em considerar o americano como modelo de referência imprescindível. Talvez pudesse ser assim até 1989. Mas depois de 1989, não obstante a crise da social-democracia e, em geral, do Welfare State, eu não acho que estamos cami-

nhando para o modelo americano. Na realidade, estamos simplesmente voltando atrás, a um passado europeu, a identidades étnicas nacionalistas e religiosas e, de qualquer modo, a um fortalecimento de velhas ideologias. Em um país como a Tchecoslováquia fazem as celebrações do cardeal Tiso, na Polônia Walesa tem como seu modelo de referência o coronel Pilsudski, e não ousamos dizer o que acontece na Alemanha porque justamente ali as nossas esperanças eram completamente diferentes até três anos atrás. Trata-se, portanto, de algo muito diverso do que está acontecendo hoje nos Estados Unidos.

*Portanto, o Welfare State vai declinando mas o "modelo" americano não se consolida. O retorno a velhas identidades equivale a uma forma de estatismo?*

Sim. O estatismo está voltando, mas não mais como o welfare e sim como Estado-nação. Retorno ao Estado-nação significa o resgate de experiências políticas, sociais e culturais, que pensávamos superadas pelas grandes jornadas dos anos sessenta e setenta da social-democracia européia, e superadas por um esforço comum europeu de homogeneização das culturas, dos níveis de welfare. Não foi assim e, ao contrário disso, tivemos um verdadeiro e próprio retorno para trás. De outro lado, não foi assim nem na América. Sem querer ser banal, o que aconteceu em Los Angeles propõe de novo a questão do abandono por parte da América do projeto de Linton Johnson da Great Society. O fato é que depois de Johnson chegaram Reagan e Bush e levaram tudo para trás. Portanto, eu teria cuidado com a imagem ideológica de um modelo americano totalmente progressista, e veria também para a América ciclos altos e baixos. No fundo, poderíamos dizer que o ciclo baixo, aliás baixíssimo, que existe hoje na América é o mesmo que existe também numa grande parte da Europa.

*Voltemos à União Soviética. Para dizer que o seu desaparecimento abre um grande vazio no plano geopolítico. Porém, é estranho que um império daquele porte tenha desmoronado com tanta facilidade, quase como um castelo de areia. Este fato me parece contrário não somente a uma lógica imperialista*

*mas também a que se chama razão de Estado. Como você explica isso?*

Entre as minhas alusões do passado nunca fiz referência à política externa da União Soviética como a alternativa "boa" com relação à "má" dos Estados Unidos, ou da Inglaterra ou França. Preciso considerar a posição soviética no mundo pelo que foi, a partir de dois pontos de vista: do ponto de vista da realpolitik e do ponto de vista da ideologia corrente. Do ponto de vista da realpolitik, a União Soviética teve sucessos enormes: saiu dos seus limites históricos, por assim dizer, naturais. Depois da Segunda Guerra Mundial, em seus encontros com Churchill e Roosevelt Stalin - como se sabe - conseguiu ter um reconhecimento que ia além das previsões dos estadistas e diplomatas soviéticos e ocidentais. Construiu sua esfera de influência que até 1954-1955 dizia respeito sobretudo aos países do Leste europeu. Depois daquela data, com Kruschchev e suas famosas viagens ao Egito e à Índia a URSS ampliou a sua esfera de influência para dimensões impensáveis alguns anos antes. Foi ou não foi um império? Não o foi sem dúvida do ponto de vista tradicional porque a URSS, nos países que tinha influência, investia em equipamentos, meios materiais e fornecia técnicos. A intenção era a demonstrar ao Terceiro Mundo a validade de um sistema alternativo ao ocidental. A URSS tinha que se tornar o ponto de referência para as nações em via de desenvolvimento, que acabavam de sair do domínio colonial e se encontravam perante uma escolha. Por isso, nos anos cinquenta, sessenta, a União Soviética teve sucessos reais, tanto do ponto de vista econômico como político. Estes sucessos continuaram até o começo dos anos setenta, quando com o acordo Salt I fez um pacto de primeira grandeza com a outra potência e se confirmou como segunda potência mundial que crescia e pretendia ser tomada de igual para igual. Tratava-se de um crescimento baseado na realpolitik. Esta divisão do mundo em esferas de influência significava que havia uma parte do mundo (a América e o Ocidente) voltada para a consequência do proveito econômico, e outra parte (a União Soviética) que investia para obter um proveito político que a fortalecesse com relação ao Ocidente. Conseguiu? Sim, conseguiu até 1979, isto é, até o erro do Afeganistão.



*Até aqui você falou da política externa do Estado soviético. Mas, no mundo, a URSS representou também um ponto de referência ideal.*

Com efeito, queria acrescentar que a imagem ideológica da União Soviética foi declinando na medida em que iam ocorrendo os sucessos estratégicos. Aquela imagem era mais forte nos anos trinta, quando a URSS estava fazendo os primeiros planos quinquenais, a coletivização forçada, os processos políticos, do que o foi nos anos sessenta e setenta, quando a URSS era reconhecida como potência de primeira grandeza. A este ponto tinham, porém, perdido o crédito como "pátria do socialismo". A oposição entre o sucesso como potência estratégico-militar e o fracasso como imagem de uma alternativa socialista pode ser explicada somente através do acúmulo de experiência histórica e conhecimento específico do que se tinha tornado a União Soviética, do que era a experiência soviética de comunismo realizado. Nos anos trinta liam-se os contos dos irmãos Webb e acreditava-se naquilo. Nos anos sessenta-setenta, através dos *mass-media*, encontramos perante uma interrogação precisa: aquele tipo de comunismo-socialismo realizado lá é bom para nós ou não? E as pessoas responderam que não.

*Segundo esta linha, Gorbachev buscou "sair do comunismo que tinha sido construído no seu país" (é uma expressão tua). Contudo, ele era o líder do partido comunista no poder. Por que fez isso?*

Gorbachev queria sair do comunismo não por razões ideológicas mas por razões de realpolitik. Porque tinha descoberto que deveria ser o dirigente de um grande país em grau de se confrontar com os grandes países do Ocidente. Aos seus olhos de político, a confrontação não era mais de natureza estratégico-militar mas de natureza sócio-econômica. A grande diferença em relação aos dirigentes comunistas anteriores, representantes do partido no poder e da história do país, é que Gorbachev em sua obra política escolheu como sua referência a URSS em termos de país concreto, não a URSS como pátria do comunismo. O país União Soviética é riquíssimo, mas não possui o mesmo teor de vida e as mesmas condições de existência individual alcançadas pelas outras sociedades

avançadas. Gorbachev não aceitou este fato, partiu em busca das razões que impediam a seu país viver bem como os outros. E encontrou estas razões no modelo ideológico que tornou o país - a URSS - assim como é. Deste modo rejeita este modelo ideológico e quem é seu portador e defensor. Assim, de maneira paulatina, vai contra o partido, tenta construir uma nova cadeia de poder que permita ao país ter o que, segundo sua opinião, as pessoas querem. E, portanto, realiza uma guinada radical, de pensamento cultural e político, com relação à experiência soviética. Gorbachev, desde os primeiros passos, quer acabar com aquela experiência porque a considera negativa a partir de um esquema de valores não mais ideológico mas de tipo nacional e estatal.

*Por que Gorbachev não conseguiu?*

Não conseguiu porque paradoxalmente na sua estratégia de saída do sistema comunista há também uma perspectiva iluminista de entrada na social-democracia européia. A esperança que animava Gorbachev era muito mais próxima às escolhas de Olof Palme que àquelas do seu "amigo" Ronald Reagan. Estudando atentamente seus discursos, suas políticas, seus erros, suas ingenuidades, suas rupturas, as verdadeiras e as aparentes, conclui-se que Gorbachev (e não somente ele, porque esta é uma ilusão que percorreu toda a Europa de esquerda) buscou sair do comunismo e entrar no caminho da social-democracia no ponto alto de sua experiência histórica, que foi a da pequena Suécia dos anos felizes de Olof Palme. Mas não conseguiu também porque, eu acho, a experiência histórica do comunismo tinha deixado uma base monolítica pesadíssima a ser removida, da qual ele não soube dar conta. E por base monolítica eu entendo, segundo a vulgata marxista-leninista mais clássica, a estrutura econômica de base que na União Soviética significa o monopólio grande-industrial.

*Também o PCUS estava entre os obstáculos que Gorbachev encontrou em seu caminho.*

É verdade. Mas o PCUS, mais do que o sistema soviético, afinal de contas, demonstrou ser um castelo de papel. Aliás, um tigre de papel. Quando parou de morder? Antes de responder a esta

pergunta, temos que lembrar que o PCUS foi realmente o "príncipe moderno", graças à originalidade e à auto-referencialidade de sua poderosa máquina organizativa e decisional. O PCUS exerceu por muitos anos um poder absoluto, perante o qual as outras instituições eram meras encenações, e pôde gerir toda a vida econômica nacional como se fosse uma única fábrica. Além do mais, diferentemente das formas precedentes de poder político e econômico, o PCUS nunca precisou de um referencial externo (o papel do soberano, o mandato eleitoral, a disponibilidade para o uso da riqueza social) para legitimar o próprio exercício. Apesar disso, de maneira aparentemente surpreendente, este partido tinha o seu ponto fraco precisamente na ideologia fundadora, isto é, a utopia comunista que negava a política, o poder, o Estado e, portanto, não permitia a instituição de um sistema "normal" de relações de domínio e subordinação. A um certo ponto, esta ideologia entrou em contradição, no mais, com a lógica "normal" do poder em direção ao qual a máquina do PCUS era empurrada por sua própria força. Em consequência disso, na primeira metade dos anos setenta houve o grande compromisso brejneviano, isto é, o pacto assinado por Brejnev com os poderosos secretários regionais, que previa, por parte de Moscou, a promulgação de diretrizes administrativas muito gerais, que depois se tornaram sempre mais genéricas, e previa, de outro lado, o respeito formal das diretrizes moscovitas e uma autonomia da fato, crescente, que tornou cada região quase um feudo em si. Naquela altura, o poder do partido estava hipotecado pelos "feudatários", que de comunistas e bolcheviques não tinham mais nada. Assim, quando chegou a ocasião, as pessoas libertaram-se disso sem muitos problemas.

*Para derrotar a tentativa de Gorbachev e a política da "perestroika" concorreram também as promessas feitas por muitos de seus opositores. Refiro-me às promessas de futuro maravilhoso e progressivo do capitalismo e da liberal-democracia, do modelo ocidental.*

Entre os opositores de Gorbachev temos que distinguir duas orientações. De um lado estão os partidários da velha guarda comunista, isto é, aqueles que



*Mas o PCUS, mais que o sistema soviético, afinal de contas, mostrou ser um castelo de papel. Aliás, um tigre de papel.*

resistiram à tentativa de Gorbachev de sair do comunismo e tomar o caminho da social-democracia modelo sueco e, de outro, os novos políticos que se ligam ao capitalismo ocidental do século XIX e têm outra utopia: a do mercado e da democracia. Com relação aos partidários da velha guarda, podemos dizer que estamos do lado de Gorbachev. Também nós teríamos procurado sair do dogmatismo dos anos trinta e chegar aos anos noventa "inteiros" e "renovados". E sair com o *background* da União Soviética, isto é, o país de 1917, dos planos quinquenais, da criação de uma camada política de origem operária que faz sua primeira experiência de governo. Não quero dizer que teríamos procurado, *tout court*, a experiência sueca, porque sabemos que a Suécia nos últimos trinta ou quarenta anos, de um lado, não fez a guerra e, de outro, forneceu aço a Hitler para que a fizesse. Portanto, temos que tomar cuidado também com estes paralelismos históricos. No que diz respeito à relação com os outros opositores de Gorbachev, isto é, os ocidentalistas, os defensores do mercado e da democracia, a opinião é mais complexa. O que aconteceu neste último ano, o que está acontecendo nestes dias, permite-nos ter uma opinião mais clara da de um ano atrás. Naquele tempo ficávamos observando e nos dizíamos: "Pois bem, já que a situação é esta, já que as pessoas querem realmente os supermercados e os Mappins, os partidos e o pluralismo, será preciso dar estas coisas a elas." Hoje, porém, depois do que aconteceu, estamos boquiabertos como este capitalismo selvagem destruiu, no espaço de poucos meses, uma sociedade que parecia muito mais avançada do que se revelou. Cuidado: falo de sociedade avançada não porque estou definindo a sociedade soviética de "comunista" ou "socialista", mas simplesmente porque dois ou três anos atrás, à base do que acontecia

no Parlamento, no novo *Soviet Supremo*, nos *mass-media* e também nas praças, realmente nos parecia que a sociedade soviética fosse uma sociedade politicamente madura, que estivesse vivendo sua saída do comunismo com uma grande riqueza de inventividade política. Lembremos a explosão dos movimentos e também das primeiras lutas operárias. Pensávamos que acontecesse ali um pouco do que tinha acontecido em 1968 entre nós. Em suma, estávamos esperando o melhor, um salto de maturidade muito grande, que solucionasse, de uma ou outra forma, as dificuldades e as aporias que existiam a nível político-institucional, ou também que obrigasse a base econômica tradicional, a estratégico-militar, a enfrentar as novas exigências e, portanto, partir para a produção de escovas de dentes no lugar de mísseis.

*Mas, então, se Gorbachev fracassou, se os velhos inimigos de Gorbachev fracassaram e também os novos políticos ocidentalistas fracassaram, sabe me dizer quem ganhou?*

Eu penso que perderam todos. Aliás, ali, com eles, perdemos todos nós. Não obstante que são trinta anos de estudo naquele país, eu vejo com assombro o que está acontecendo entre as pessoas nestes últimos meses, neste último ano. Não me refiro somente aos conflitos étnicos sangrentos que ali se dão, como na Iugoslávia, ou que poderão se dar em outros lugares, como na Eslováquia, na Boêmia ou no interior da Romênia. Refiro-me exatamente à explosão da sociedade. Para uma referência histórica temos que voltar não ao século passado mas ao século XVII na Inglaterra, França, Alemanha. Falo de uma explosão de povo em estado selvagem. Insisto: não esperava isso, já que tínhamos visto aquele povo viver, nos dois ou três anos precedentes, ligado na televisão, nos debates no *Soviet Supremo*, com a participação política que a nós parecia não somente de nosso século mas de nossos dias, aliás maior e melhor do que a nossa. Em seguida, este castelo de cartas ruiu e aquela mesma gente vive agora experiências que nos reconduzem a antes do nascimento do Estado moderno, à época dos anos turvos entre o fim do feudalismo e a afirmação dos Estados absolutistas europeus.

*Você fala de povo. Mas o povo é feito de camadas sociais diversas. Antes de mais nada, vem a classe operária. Você escreveu vários livros sobre a União Soviética para demonstrar que ali a classe operária tinha ido ao governo, tinha se tornado uma elite de governo. Que balanço você faria desta experiência depois da queda da URSS?*

Este povo que - como dizia - comporta-se como no século XVII, isto é, antes do nascimento do Estado, libertado do domínio feudal mas ainda incerto sobre o seu destino, certamente deve ser diferenciado conforme os diversos grupos sociais dos quais é formado. E se deve buscar compreender o que estes grupos sociais tiveram ou perderam com a queda do sistema comunista. A camada social mais ampla é notoriamente a da classe operária, entendendo por classe operária os trabalhadores manuais funcionários das fábricas e das fazendas, os colcosos. Trata-se de uma enorme massa de pessoas que foram todas contra Gorbachev desde o primeiro momento porque o viram como uma ameaça ao *status quo* em que viviam e no qual tinham construído o que os intelectuais soviéticos chamam de seu "abrigo". No passado - como você lembrou - tentei estudar, compreender este fenômeno. Mencionei os operários no governo, isto é, a camada política dirigente de origem operária que buscou gerir a sociedade de maneira diferente daquela capitalista. Pergunto-me agora se conseguiu ou não conseguiu, e gostaria de dar imediatamente uma opinião. De um lado, podemos dizer que conseguiu porque aquele sistema social não fracassou em 1921 nem em 1929, porque cinquenta anos depois, em 1979, antes do Afeganistão a URSS tinha se tornado a segunda potência do mundo. Os operários no governo, na qualidade de camada dirigente conseguiram ter peso no mundo por um período bastante longo. De resto, nada nos impede de considerar que o que está acontecendo agora é de um ciclo baixo no fim do qual não sabemos se recompararão de novo ou se realmente voltarão ao grande sulco do capitalismo. Não sabemos. É ainda tudo muito recente muito repentino. De um lado temos o tenta anos de busca de um caminho e, de outro, temos um ano, dois anos, que parecem ter voltado para outro caminho. Eu, por enquanto, não me permitiria d



outras opiniões.

*Por que esta primeira experiência de governo operário não conseguiu ser, afinal de contas, um modelo de referência para nenhuma outra classe operária, nem na Europa e, menos ainda, para os Estados Unidos?*

Para compreender isso temos que nos perguntar o que queriam e o que efetivamente conseguiram os operários no governo. Pois bem, os operários no governo fizeram duas coisas. Antes de mais nada, buscaram a segurança militar e, em consequência disso, fortaleceram as defesas do Estado do qual eram dirigentes. Podemos ver que este objetivo conseguiram alcançá-lo durante oitenta anos. Em segundo lugar, deram a si mesmos, na função de camada dirigente, os privilégios que todas as outras camadas dirigentes desfrutaram quando chegaram ao poder. Eis aqui o ponto que temos de compreender do porquê não se tornaram um modelo acreditável. Qual é o privilégio que o operário quer quando vai ao poder? É o privilégio de trabalhar pouco e dirigir e auto-regulamentar o processo de extração de sua própria mais-valia, para nos expressarmos à velha maneira. Os operários soviéticos conseguiram isso e, precisamente porque o conseguiram, hoje estão em um mar de dificuldades. Em suma, o resultado é que criaram um sistema social que negava a renovação técnica e econômica. Na prática, porque tinham o poder, impediram a máquina de substituí-los e dominá-los. Foram eles que dominaram, e isso, do ponto de vista operário, significa trabalhar pouco. Sendo que não eram loucos de pôr em risco a confrontação com os outros países, deixaram uma ilha de competição, a do setor estratégico-militar, que era necessária para a defesa do próprio sistema social. Mas a contradição permanecia. Por isso, no fim das contas, perderam a competição com o outro sistema, onde os patrões eram verdadeiros e os operários eram operários, isto é, trabalhavam muito, eram substituídos por máquinas sempre mais sofisticadas e produziam bens de consumo de massa que aos operários, às suas famílias, à sociedade, tornavam-se sempre mais indispensáveis para a existência cotidiana. Deste ponto de vista, os operários no governo fracassaram. Eles deram a si mesmos, como operários-patrões, o que queriam, mas tiraram a si mesmos,

às suas famílias e à sociedade soviética o progresso tecnológico e aquela generalização do consumo de massa que se tornou uma porta obrigatória de ingresso nas sociedades contemporâneas.

*Do que você está dizendo, porém, permanece fora aquela que foi a verdadeira utopia comunista: a superação dos papéis (e, portanto, da própria condição operária) no interior da organização social e do trabalho. Não me parece que na URSS esta perspectiva tivesse sido perseguida.*

Eu não acredito que seja possível superar o trabalho operário, isto é, a distinção entre trabalho manual e intelectual. Estamos assistindo à diversificação dos trabalhos no sistema capitalista e podemos observar que alguns trabalhos que antes eram manuais agora não o são mais, e alguns trabalhos intelectuais desapareceram, tornaram-se executivos. Eu estou falando de uma outra coisa. De uma condição social e de um privilégio político. Quero voltar à primeira resposta, quando mencionei duas correntes que percorreram paralelamente, às vezes chocando-se uma com a outra, a inteira história do socialismo soviético, isto é, a corrente populista-comunista e a corrente operário-estatista. Como já disse antes, venceu quase sempre a corrente operário-estatista, isto é, venceram os operários que do seu modo queriam um Estado e uma relação de produção através da qual realizar os planos, as grandes indústrias e assim por diante. Mas a outra corrente, a populista-comunista, influiu no sentido que buscou impor o igualitarismo e a homogeneidade social numa medida que foi prejudicial à outra. Em poucas palavras, os operários-patrões trabalharam menos porque a ideologia populista-comunista deu-lhes um apoio cultural que legitimou esta sua escolha política e de vida. Também penso que se não tivesse existido o veio populista-comunista e os operários tivessem tido um percurso mais linear, talvez tivessem aceito renunciar aos seus "abrigos". Pelo contrário, aconteceu que se fecharam em seus "abrigos" e hoje nos deparamos perante o problema gravíssimo de um povo que não sabe trabalhar e que se pôs a fazer mercado ao varejo nas ruas e de maneira selvagem. Esta, talvez, seja uma má resposta, porque é uma resposta que responsabiliza a classe operária por aquilo que aconte-

ceu, uma classe que como camada política não soube superar as suas próprias exigências corporativas, e não somente não se fez "classe geral" mas, ao contrário, quando se viu diante da ameaça de voltar a uma posição subalterna, fechou-se em sua trincheira, como aconteceu nos últimos 5-6 anos. Devemos considerar que é a primeira vez em absoluto na história que uma classe de trabalhadores subalternos tentou sair, precisamente, da subalternidade e se tornar uma classe dominante. É a primeira vez na história e portanto deveríamos ser mais flexíveis e generosos ao considerar como tem sido e como está se dando o processo hoje.

*Portanto, era de se esperar que os operários pusessem maior resistência às transformações gorbatchevianas e à eliminação de "seu" sistema. Pelo contrário, mantiveram-se inexplicavelmente passivos e ausentes em todo o episódio do desmoronamento da União Soviética. Por que não se opuseram?*

Eu não diria que não se opuseram. Os operários eram um peso nas costas de Gorbatchev, do início ao fim. Você sabe melhor do que eu, já que escreveu em nosso livro *Vecchi quadri, nuovi politici* que a Frente de Leningrado, por exemplo, e outras frentes populares eram constituídas de operários que foram para as praças contra a *perestroika*.

*Sim, porém nunca arrastaram a grande massa dos operários.*

É verdade. Mas para compreender as razões disso temos que fazer uma consideração realista do que significa ser operário. Operário significa estar à frente da máquina ou estar dentro de um processo produtivo. Mas o operário sai da fábrica e passa a sentir falta das garantias sociais conquistadas em medida crescente desde os anos trinta. Deixa de ser operário, torna-se um consumidor como os outros, que volta para casa, em um contexto familiar onde seriam necessárias muitas coisas que não tem. Você dever ter presente que uma coisa é ser minoria operária em uma sociedade camponesa que vai se industrializando, outra coisa é fazer parte de uma grande massa de trabalho manual que não tem as coisas que lhe foram prometidas a partir da metade dos anos sessenta. Os anos de Kruschev tinham prometido tudo, depois chegou Brejnev, com a sua política de grande potência, que deu muito à



massa operária e a fez chegar a um nível de vida sem dúvida mais alto, mas não deu às pessoas o que poderiam ter em outros países fazendo o mesmo trabalho. Portanto, não idealizemos a figura operária como tal. Ela é como tal dentro da fábrica mas, fora, ou é camada política comunista ou é consumidor como os outros. No primeiro caso hostilizou Gorbachev, no outro pressionou para ter mais. Neste quadro se compreende melhor a passividade com relação a Gorbachev. Não seria possível explicar o fenômeno Ieltsin e todos os outros fenômenos de movimentos de massa contra a lentidão da política de Gorbachev se não vissemos que a um determinado ponto as pessoas compreenderam que se movimentassem mais conseguiriam mais no plano econômico. O resultado é que nos últimos dois ou três anos houve um crescimento louco dos salários monetários, ao mesmo tempo que a produção a todos os níveis caía.

*Mas o que aconteceu com as outras camadas sociais?*

As outras camadas sociais soviéticas são duas, se utilizarmos as velhíssimas categorias marxistas-leninistas. Segundo Stalin, na sociedade soviética havia "duas classes e uma camada": a classe operária que devia ir ao poder, a classe camponesa que tinha que ser transformada em classe operária, e uma camada espúria, os intelectuais, que tinham que ser postos a serviço do povo. Ora, o que aconteceu com Gorbachev? Aconteceu que os operários, do ponto de vista político e social, andaram à deriva. Os camponeses, ao contrário, na medida em que as dificuldades econômicas e de distribuição dos produtos aumentavam, tiveram chances de enriquecimento igual às que tiveram os camponeses italianos durante a última guerra. De um lado, os camponeses permaneciam bem protegidos em seus "abrigos", as fazendas estatais ou as cooperativas, onde tinham um salário, a assistência social, a casa e um total anual de dias de trabalho em torno de 100-110, mas de outro lado tinham também um pedaço de terra que exploravam livremente, cujo resultado levavam ao mercado. Em suma, esta classe que tinha que se transformar em classe operária efetivamente teve todos os benefícios da condição operária, mas de outro lado, com as agitações econômicas dos últimos anos, tiveram também os bene-

fícios da pequena empresa, com o resultado que os camponeses estão se enriquecendo e são hoje contrários aos operários na mesma medida (ou mais ainda) em que o foram nos anos entre 1924 e 1929. Por fim, os intelectuais. Aqui a coisa é mais simples: ao contrário de Stalin e Brejnev que criavam e construíam uma intelectualidade técnico-produtiva de origem operário-popular que tinham em grande conta, Gorbachev preferiu fazer referência aos intelectuais humanistas. Como todos sabem, deu muito a eles, sobretudo através da *glasnost*. Como resposta, estes intelectuais o trataram a ponta-pés logo à sua primeira hesitação e hoje vemos que praticamente desapareceram de cena. Quem está hoje em cena, pelo contrário? É a velha intelectualidade técnico-produtiva, que se tornou nomenklatura econômica. São os dirigentes da indústria que, graças à legislação econômica defendida por Gorbachev, tornaram-se os possuidores dos meios de produção. São os jovens financistas de assalto que, graças à agitação política, estão criando riquezas monumentais (pelo menos para os padrões soviéticos). São em geral os técnicos e todos aqueles que têm uma especialidade que puseram no mercado. Em suma, hoje há este grupo social que poderíamos definir, sem dúvida, intelectual (tem um diploma e, às vezes, um PhD) e que busca construir o capitalismo baseado numa legislação favorável e na anarquia política generalizada. Este grupo de intelectuais-técnicos é o que sai vencedor do período gorbacheviano, vencendo antes de mais nada o próprio Gorbachev, porque são pessoas totalmente diferentes de Olof Plame, mais parecidas a Thatcher ou Reagan. São aqueles que buscam a primeira verdadeira ocasião de sua vida para serem os patrões em seu próprio país, e patrões no velhíssimo modo.

*Em suma, trata-se de uma classe dominante potencial, do modo como você a descreve. Ela tem uma representação política?*

Está buscando tê-la, fazendo referência direta ao governo russo. Consideremos as instituições políticas saídas sobretudo após o golpe de agosto. Elas são duas, e refiro-me à Rússia, naturalmente: o *Soviet Supremo* republicano, isto é, o Parlamento, e o Governo. No *Soviet* estão ainda, como maioria, os

membros mais influentes da velha nomenklatura econômica que está ligada ao setor estratégico militar e, em geral, à grande indústria. Esta área, que ainda pesa muitíssimo, quer manter o máximo tempo possível suas posições de poder econômico real. De outro lado, há depois o governo russo, constituído pelos jovens da equipe de Ieltsin, que querem criar um capitalismo concorrencial, um sistema que se baseie na propriedade privada dos meios de produção e no mercado. Mas para fazer isso devem tirar das posições de monopólio os dirigentes que sentam agora como deputados ao *Soviet Supremo*, devem livrar-se das *corporations* soviéticas e fazer destas *corporations* sociedades por ações a serem cotadas na Bolsa, de modo que os novos capitalistas possam comprar ações e tornarem-se donos privados das grandes catedrais construídas pelo poder comunista. O choque em curso hoje na Rússia é o choque entre os jovens do governo russo que querem construir o capitalismo à maneira ocidental e os velhos da nomenklatura econômica que seguem em suas mãos os meios de produção e não estão dispostos a entregá-los ou pô-los em leilão na Bolsa.

*Para encerrar, o que aconteceu na União Soviética nestes últimos anos você definiria como uma revolução ou uma restauração?*

Não acho que se possa usar estes dois termos porque também eles estão ligados à experiência política ocidental e estão carregados de significados e ambigüidades. Eu teria cuidado em considerar o que aconteceu nos anos 30 como uma revolução. Eu ficaria na opinião que o que aconteceu em 1917 foi uma revolução, a revolução de nossas esperanças, isto é, da esperança de construir um sistema que fosse alternativo ao capitalismo em economia e à burguesia em política. O que está acontecendo agora, como acabamos de dizer, diz respeito à construção de um capitalismo, seja monopolista ou concorrencial. Deixo ao leitor definir se isso é revolução ou restauração.